

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: KELLY DA SILVA

TÍTULO: RAÇA E RACISMO: COMO DISCURSO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

AUTORES: KELLY DA SILVA, KELLY DA SILVA

PALAVRA CHAVE: GÊNERO, RAÇA, MULHERES NEGRAS

RESUMO

Em um período caracterizado pela gestão de políticas públicas destinadas, inicialmente, a saldar uma dívida histórica com as vítimas de preconceito e discriminação racial no Brasil, não há como não tratarmos do debate em torno das consequências dos usos e desusos do termo raça como categoria simbólica e analítica. Nesse sentido, o debate gerado pelas políticas de ação afirmativa para negra/os, mais especificamente das cotas reascendeu uma disputa em torno da legitimidade da raça como categoria analítica. Desta forma, a raça entendida como categoria e conceito analítico estabelece-se em decorrência de uma prática discursiva e é deste modo, descaracterizado já que é historicamente compreendida como resultado de discursos que surgem em relação a contextos econômicos, políticos e sociais específicos, situados no tempo e no espaço. Falar que raça consiste numa formação discursiva na perspectiva Foucaultiana é dizer que ela existe enquanto conceito e categoria (FOUCAULT, 2002). Nesse sentido, sua dimensão real resulta de sua capacidade, enquanto discurso, de regular e administrar a ordem social. A pesquisadora Nilma Lino Gomes (2005) define raça, como processo de construção cultural que se dá nas relações sociais. Em Foucault, as categorias de classificação simbólica com as quais nomeamos, classificamos e conferimos sentidos às coisas e ao mundo, bem como os conceitos com os quais elaboramos as análises científicas são ambos vistos como elementos da formação discursiva daquilo que chamamos "realidade" ou "verdade" (FOUCAULT, 2002). De acordo com esta abordagem, a raça não possui, portanto, um significado inerente, mas procede, ao contrário, de formações discursivas que perpassam a ciência, o Estado, e a sociedade. A identidade e a diferença são construídas dentro de um discurso, por isso precisamos compreendê-las como são; produzidas em locais históricos e institucionais por meio do discurso. A esse respeito Foucault (2002) argumenta que são os discursos "que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso" (FOUCAULT, 2002 p.21). Análise então que o discurso compreendido de forma única é incapaz de abranger os artifícios de mudanças e de transformações sociais que padronizam e discriminam os diversos grupos sociais. Em meios às significações, é indispensável, portanto, questionar os conceitos. Já o racismo cunhado por volta de 1920, enquanto conceito e realidade já foi e, continua sendo objeto de diversas interpretações, para Nilma Lino Gomes "o racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc"(GOMES, 2005). Ele é também, de acordo com a autora, um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. De acordo com Munanga (2003) os efeitos desse processo de hierarquização resistiram ao tempo, aos avanços da ciência e se mantêm ainda intactos no imaginário coletivo das novas gerações. "A concepção do racismo baseada na vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70, graças aos progressos realizados nas ciências biológicas (genética humana, bioquímica, biologia molecular) e que fizeram desacreditar na realidade científica da raça" (MUNANGA, 2003, P. 6). Inicia-se então a associação do termo racismo ao de preconceito, o que Munanga, chama de "armadilha ideológica", pois, abre possibilidades de inversão do conceito do racismo e de suas trágicas consequências, levando à banalização dos efeitos do racismo. Para Foucault (2005) o saber está, pois, comprometido com o poder, sendo que essas relações de poder estão onipresentes, exercidas nas mais variadas instâncias como a família, a escola, a sala de aula. Elas são produzidas na trama da linguagem. Tomando o conceito de raça/racismo enquanto construção discursiva, compreender como se tornaram o que são e as estratégias para sua problematização são objetivos desse trabalho. O poder produz saber "não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder" (FOUCAULT, 2005, p.30). Fica explícito na fala de Munanga como a difusão de um tipo de saber contribui para que se torne verdade e influencie toda uma forma de se viver em sociedade. Políticas públicas para a população negra vêm sendo a pauta dos movimentos negros no país. Marco fundamental na história das lutas anti-racismo e pela democratização do ensino, a lei 10.639, completou dez anos em 2013, nos anos 2012 tivemos a implementação da política de cotas nas instituições públicas de ensino superior (IES) e possuem a finalidade específica de ajudar a enfrentar os efeitos desse tipo de discriminação. Têm sido utilizadas para reduzir as disparidades entre negros e brancos. Elas vêm para ajudar a possibilitar o princípio da igualdade material, combatendo, inclusive, os efeitos da discriminação de gênero, de idade, de origem nacional, etc (BRASIL, 2013). A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui. De acordo com Djamilia Ribeiro (2016) não se pode comparar situações radicalmente diferentes. A população negra tem suas escolhas limitadas. Crianças negras crescem sem auto-estima porque não se veem na TV, nos livros didáticos. Não se pode confundir racismo com preconceito e com má educação. "Para haver racismo, deve haver relação de poder, e a população negra não é a que está no poder. Acreditar em racismo reverso é mais um modo de mascarar esse racismo perverso em que vivemos" (RIBEIRO, 2016, p.2). Nesta perspectiva consideramos gênero e raça marcadores de diferenças, frente às quais não podemos nos calar.